

PESQUISA/INICIAÇÃO CIENTÍFICA - PESQUISA/ INICIAÇÃO CIENTÍFICA

**PADRÕES ESTÉTICOS E SAÚDE DAS MULHERES: UMA REVISÃO
NARRATIVA SOBRE AS VIOLÊNCIAS PÓS-PARTO**

Lígia Bordin Caetano (ligiabordin@hotmail.com)

Cátia Paranhos Martins (catiamartins@ufgd.edu.br)

O presente estudo de Iniciação Científica buscou analisar as diferentes formas de violência que atravessam a vida das mulheres cisgênero no pós-parto, olhando não só para as violências físicas e psicológicas, mas também para as sociais, simbólicas e institucionais. Um ponto central na pesquisa, e nesse período, é a pressão estética e a imposição de padrões sobre o corpo. A gestação e o puerpério são fases de intensas mudanças hormonais, físicas e emocionais, que devem ser consideradas. Além das demandas pessoais e maternas, as mulheres também lidam com expectativas individuais e sociais carregadas de ideais patriarcais, reforçados por discursos da mídia, de instituições e da cultura. Essas expectativas acabam invisibilizando necessidades reais, causando sofrimento emocional e mantendo um ciclo de controle sobre o corpo feminino. O objetivo da pesquisa foi ampliar o olhar sobre o corpo pós-parto, quebrando a lógica que o reduz apenas à função da reprodução. Para isso, identificamos os impactos de violências simbólicas, obstétricas e estéticas, e propomos reflexões para um cuidado integral, humano e respeitoso. Foi feita uma revisão narrativa da literatura entre 2018 e 2023, nas bases Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e PubMed, complementada por documentos de organizações nacionais e internacionais voltadas à saúde das mulheres, além de produções teóricas feministas. No total, foram

encontrados 22 (vinte e dois) artigos, dos quais apenas 7 (sete) deles atenderam aos critérios de inclusão, trazendo discussões sobre vivências individuais ou coletivas de puérperas, padrões estéticos, saúde mental e violência obstétrica. A análise revelou oito eixos principais: o contraste entre a maternidade idealizada e a vivida; a pressão estética e seu impacto na autoestima e saúde mental; o papel da mídia na manutenção de violências simbólicas; a persistência da culpa materna e de estruturas patriarcais; a violência obstétrica e seus efeitos físicos e emocionais; a invisibilização histórica das dores das mulheres; as falhas das políticas públicas no cuidado pós-parto; e as estratégias de resistência e de resgate da autopercepção feminina. Os resultados mostram que, padrões corporais irreais prejudicam a recuperação física e emocional, aumentam sentimentos de inadequação e culpa e, junto a práticas institucionais desumanizadas, potencializam casos de depressão, ansiedade e isolamento social. Além disso, a falta de políticas públicas efetivas e a pouca preparação profissional para acolher integralmente as puérperas contribuem para manter esse ciclo de desamparo. Conclui-se que romper essas violências exige mudanças estruturais no cuidado, com foco na formação de profissionais para integrar dimensões emocionais, sociais e culturais na atenção à saúde. Também é essencial promover representações mais realistas e diversas da maternidade na mídia, potencializando esse acolhimento. Ao valorizar a pluralidade das vivências maternas e fortalecer a autonomia das mulheres, é possível prevenir danos emocionais, reduzir desigualdades de gênero e criar um ambiente mais saudável para mães, crianças e famílias.

AGRADECIMENTOS: Agradeço ao apoio institucional da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pelo financiamento por meio de bolsas de Iniciação Científica, fundamentais para a realização desta pesquisa.

Palavras-chave: violências de gênero; corpo pós-parto; psicologia social.